

Inter-relação das Formas

Por Valmir Perez

O holismo e a consciência holográfica

UM DOS EXEMPLOS MAIS ESPECIAIS E SINGULARES DA HISTÓRIA da literatura, sem sombra de dúvida, é o prefácio do psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, Carl Gustav Jung¹, para o I Ching – O Livro das Mutações, publicado em 1956, em Düsseldorf, Alemanha, e escrito por seu amigo, o sinólogo alemão Richard Wilhelm, orientado, por sua vez, pelo sábio chinês Lao Nai Haiian.

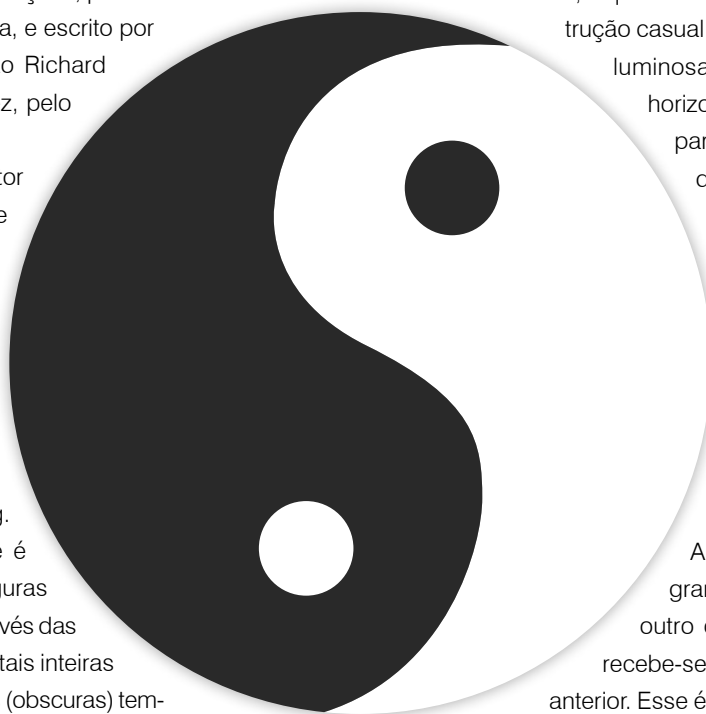
Para melhor localizar o leitor faz-se importante observar que o Livro das Mutações é um dos escritos chineses mais antigos e emblemáticos. Nele, encontram-se os “julgamentos” e “comentários” sobre sessenta e quatro figuras de seis linhas, denominadas hexagramas, que compõem o universo do I Ching. Cada hexagrama na verdade é formado por dois grupos de figuras de três linhas, ou trigramas. Através das combinações de linhas horizontais inteiras (luminosas) e linhas fracionadas (obscuras) tem-se um total de oito trigramas principais (figuras 01 a 08).

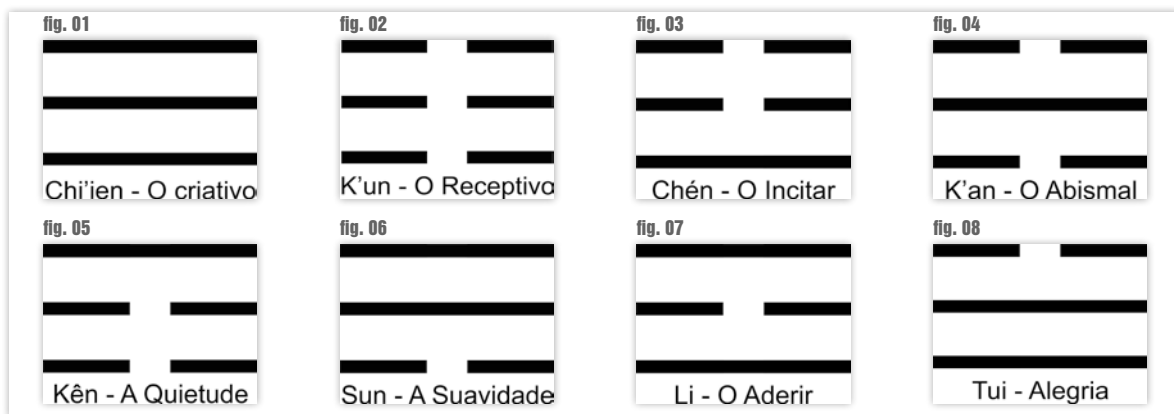
O livro é um “oráculo”, ou seja, um mecanismo de consultas

através do qual as pessoas, segundo Jung, podem ter acesso aos processos inconscientes interiores e coletivos. Ao se contarem e separarem as cinquenta varetas, ou se jogarem as três moedas, o que se constitui nas duas formas de construção casual dos resultados, obtêm-se linhas

luminosas ou obscuras que, alinhadas horizontalmente uma a uma, de baixo para cima, formam, então, jogos de dois trigramas ou um hexagrama.

Resultados que apresentam linhas mutantes, sejam elas luminosas ou obscuras, formarão outro hexagrama, pois, segundo a tradição, cujas bases provêm do Taoísmo², linhas luminosas mutantes possuem a tendência de se transformarem em linhas obscuras e vice-versa. A partir da formação de um hexagrama final, ou talvez dois, sendo o outro conseqüente de uma mutação, recebe-se uma “resposta” a uma pergunta anterior. Esse é o funcionamento básico do oráculo, embora muito mais poderíamos acrescentar sobre a filosofia escondida na base conceitual do I Ching.





É através desse exercício que Jung constrói o prefácio para a primeira edição do livro. Já no início de sua apresentação, Jung confidencia que...

*“Não sendo um sinólogo, meu prefácio ao Livro das Mutações terá que ser um testemunho da experiência pessoal com esse grande e único livro...”*³

Daí por diante, jogando as moedas, Jung recebe as informações necessárias para seu prefácio, constatando que, através de respostas coincidentes, o próprio livro está a se apresentar com grande desenvoltura e “inteligência”. Ao ler esses comentários, nós mesmos podemos corroborar a atitude espantosa de Jung quanto a esse fenômeno. Apresenta-se claramente uma linha de pensamento que afirma que o livro possui um conhecimento, algo importante que, agora, pode ser compreendido de outra forma e que está otimista quanto ao seu futuro nessa nova fase. Pressente muito progresso, mas que encontrará toda sorte de vicissitudes que tentarão suprimi-lo.

É difícil para nós, ocidentais, pensar que algo como a causalidade encontrada no cair de moedas possa de alguma sorte ser o indício de que haja alguma força inteligente por detrás de fatos aparentemente sem nenhuma ligação. Mas não é assim que algumas culturas encaram as coisas. É difícil pensar que povos tão evoluídos como os chineses nunca possuíram alguma espécie de ciência. O problema é que, com a nossa presunção ocidental, estamos acostumados a ver as coisas sob o nosso restrito ponto de vista. A cultura e a ciência chinesa antigas, não se baseiam, como nós, na causalidade, mas, pelo contrário, na casualidade. Para o oriental, todos os movimentos e interações, em um determinado momento, têm importância na construção dos eventos. Isso vai de encontro à visão ocidental clássica, que nega a relação entre acontecimentos às relações não locais, hoje presentes na física moderna.

A visão ocidental de mundo que surgiu no século XVI a qual denominamos mecanicismo e que determinou os conceitos da física clássica, portanto desse tipo de “crença”, teve suas bases fundamentadas em três aspectos principais: a matemática de Isaac Newton⁴, a filosofia de René Descartes⁵ e a metodologia científica defendida por Francis Bacon⁶.

Para esses homens do passado, e muitos de nossos contemporâneos, o universo é concebido como uma máquina. Ora, o funcionamento das máquinas se dá através da relação e interação correta entre o funcionamento de suas peças e sua totalidade. Se uma peça se quebra, basta substituí-la que a máquina está consertada. A equação volta a funcionar.

“Por conseguinte, acreditava-se que os fenômenos complexos podiam ser sempre entendidos desde que se os reduzisse a seus componentes básicos e se investigasse os mecanismos através dos quais esses componentes interagem. Essa atitude, conhecida como reducionismo, ficou tão profundamente arraigada em nossa cultura, que tem sido frequentemente identificada com o método científico. As outras ciências aceitaram os pontos de vista mecanicista e reducionista da física clássica como a descrição correta da realidade, adotando-os como modelos para suas próprias teorias. Os psicólogos, sociólogos e economistas, ao tentarem ser científicos, sempre se voltaram naturalmente para os conceitos básicos da física newtoniana.”

Embora, ainda, grande parte de toda nossa cultura científica esteja alicerçada sob esse determinismo, as coisas estão mudando, e mudando rapidamente. Esse vício ocidental é uma consequência da visão restrita das relações reais existentes na natureza, que temos carregado conosco durante séculos e que agora se encontra indubitavelmente ameaçada pelo próprio pensamento científico que a gerou e, no momento, evolui seus arcabouços.

Teorias que nos remetem a uma visão sistêmica mais avançada e verdadeira do universo e da consciência começaram a despontar nos meios acadêmicos e científicos a partir de experimentos em ambientes subatômicos. Através de experimentos no interior do universo atômico, as leis físicas se mostraram bem diferentes que as dos mundos macroscópicos. Os cientistas, então, começaram a constatar que não apenas a nossa visão dos sistemas atômicos estava completamente defasada e incompleta, como também o modo como estávamos nos relacionando com as coisas, através da nossa maneira de enxergá-las e compreendê-las. Ficou claro, ainda, que ao observarmos uma experiência, estamos influenciando o modo como ela ocorrerá, mais do que poderíamos um dia supor. Provavelmente isso explique o cair das moedas e os resultados obtidos no oráculo.

O novo sistema de pensamento que agora surge no horizonte da ciência nos traz uma série de outras possibilidades de visão de mundo, além, é óbvio, de já estar influenciando nossas vidas cotidianas como um todo. Nela (nesses novos paradigmas), nós e o universo não somos mais apenas peças substituíveis de uma máquina, mas partes de um organismo universal integrado. Nosso universo se comporta como um gigantesco holograma vivo e tudo está interligado, desde o mais ínfimo vírus até a mais distante e enorme estrela do cosmos.

Essa visão também nos remete a entender melhor o funcionamento de nossa consciência. Físicos, tais como o Dr. Amit Goswami, ex-professor de física da universidade de Oregon e um dos maiores pesquisadores da física quântica da atualidade, são incisivos em afirmar que a realidade que vemos à nossa volta é apenas a ponta do iceberg de realidades que se escondem atrás da cortina de nossos sentidos físicos. Que a nossa visão de realidade baseada apenas nesses sentidos é provavelmente muito restrita e que, devido a isso, não podemos perceber que existe uma inter-relação entre todas as coisas no universo. Que apesar de nos sentirmos separados por uma questão de sensibilidade e vivência no plano físico, os experimentos atuais nos grandes laboratórios nos mostram que isso é apenas uma ilusão.

Talvez seja essa a ilusão, que pessoas como Gautama Buda e muitos outros “iluminados” estavam tentando trazer à nossa percepção. O mundo de Maia descrito na tradição Vedanta. A realidade através do véu de Ísis. Desde tempos mais remotos, alguns seres

humanos nos têm falado sobre essas realidades. Muitos pagaram com a vida por conhecerem fatos que somente agora começam a ser de domínio público. São esses fatos que, certamente, já estão afetando não apenas todos os campos de conhecimento, mas as nossas relações, nossa vida social, política, nossa arte, cultura, saúde, educação, etc. Vivemos em tempos de grandes transformações. Ao invés de reducionistas, estamos nos transformando rapidamente em holistas.

O médico americano Richard Gerber em seu livro Medicina Vibracional comenta com propriedade:

A visão newtoniana e mecanicista da vida é apenas uma aproximação da realidade. As abordagens farmacológica e cirúrgica são incompletas porque ignoram as forças vitais que animam a bio maquinaria dos sistemas vivos e insuflam-lhe vida. O princípio fundamental numa máquina é o de que a função do todo pode ser prevista pela soma das partes. Ao contrário das máquinas, porém, os seres humanos são mais do que a soma de um conjunto de substâncias químicas ligadas umas às outras. Todos os organismos dependem de uma sutil força vital que cria uma sinergia graças a uma singular organização estrutural dos componentes moleculares. Por causa dessa sinergia, um organismo vivo é maior do que a soma de suas partes. A força vital organiza os sistemas vivos e constantemente renova e reconstrói os seus veículos celulares de expressão. Quando a força da vida abandona o corpo, por ocasião da morte, o mecanismo físico vai lentamente se decompondo até transformar-se num conjunto desorganizado de substâncias químicas. Essa é uma das coisas que diferencia os sistemas vivos dos não vivos e as pessoas das máquinas.

Contudo, precisamos ainda perceber que se essa visão mecanicista nos fez acreditar, durante séculos, que não existem relações entre coisas aparentemente separadas, provavelmente essa visão tem-nos dificultado fazer essas relações com tudo, inclusive no modo como desenvolvemos nossa abstração e apreensão da natureza relacional das coisas que nos rodeiam. Ajustando nossa consciência a essa forma mais rica de encarar o universo, constatamos que grande parte daquilo que entendíamos até o presente momento precisa ser reavaliado.

É interessante perceber que se uma pessoa enxerga o mundo da maneira reducionista, provavelmente terá dificuldades em relacionar como um “todo”, aquilo que se lhe apresenta à visão. As consequên-

cias geradas por esse estrabismo vivencial acabam se ramificando e se insinuando em todas as áreas de nossas vidas, inclusive naquela que diz respeito ao entendimento das coisas que são vistas através de nosso sistema visual, ou seja, da nossa percepção visual.

A compreensão dos significados encontrados dentro de contextos complexos, quando nos deparamos com inter-relações formais, está íntima e diretamente relacionada à nossa capacidade de fazer conexões das partes com o total do que está sendo observado, e daí buscarmos um significado da inteireza de uma composição, tudo isso, é claro, dentro de um determinado contexto. Esse contexto passa a ser outro problema que estava esquecido no baú da visão clássica da física.

Bem, para exemplificar, se usarmos a visão mecanicista ao apreciarmos uma forma ou um conjunto de formas qualquer, provavelmente iremos usar o lado esquerdo, analítico de nosso cérebro, arriscando a nos perder na partimentação das unidades. Por outro lado, se colocarmos em prática a nossa capacidade de observar as coisas com uma visão mais abrangente, mais holística, nosso lado direito do cérebro, mas intuitivo e inclusivo, nos propiciará o entendimento da totalidade dinâmica de qualquer desses sistemas, no nosso caso, do conjunto das forças plásticas que ali estão agindo como elementos de linguagem visual e, portanto, expressiva.

No caso das composições realizadas plasticamente, através das propriedades da luz, isso também é verdadeiro, e é por isso que designers de iluminação precisam compreender que as inter-relações formais em suas obras são de fundamental importância na criação não apenas de espaços, mas, sobretudo, de linguagem expressiva inseridos em contextos espaciais e estéticos. Mas como se dão essas inter-relações? Ora, de muitas formas, mas podemos, aqui, pelo menos, discutir algumas e assim nos conscientizarmos que é possível analisá-las dentro de um universo contextual mais rico e utilizá-las com mais propriedade.

Iniciaremos discutindo o sentido de “separação” formal, que é quando duas ou mais formas encontram-se separadas umas das outras (figura 9). Ao observarmos formas separadas, automaticamente sentimos que algo está desligado, que falta uma conexão entre as partes. Ao mesmo tempo, vemo-nos também divididos enquanto observamos; nosso olhar vagueia entre uma forma e outra, ou seja, esse tipo de estrutu-

ra relacional nos provoca o movimento do olhar, não existe repouso, nem conclusão.

Nesse caso, nosso sentido visual se divide entre uma e outra forma. Se dedicarmos muito tempo à apreciação de imagens como essas, podemos ficar até mesmo fisicamente extenuados. O movimento de confrontação entre as partes nos fará reagir de variadas maneiras. Isso dependerá tanto das distâncias entre as unidades formais, com o campo de fundo onde elas estarão inseridas, de suas características de cor, volume, textura, etc.

Dois objetos iluminados por dois pontos de luz no interior de uma sala contribuirão para uma disputa acirrada de nossa atenção. Em determinados casos, isso pode ser positivo ou negativo, dependendo da “intenção” subjacente a cada caso específico.

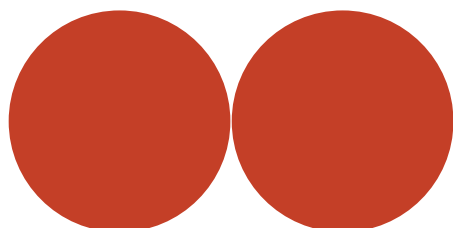
fig. 09



Já na relação de contato (figura 10), nosso sentido visual percebe que algo está ligado, que existe conexão e que os elementos agora formam algo que é conjunto e partilhado entre os dois. Nosso olhar ainda procura observar as figuras separadamente; ainda existe certo ir e vir, porém, de instantes a instantes somos levados a nos focar no ponto de intersecção. Esse ponto se transforma, digamos assim, no ponto que puxa o nosso olhar. No ponto de maior interesse.

Essa interação entre formas cria em nós uma espécie de curiosidade. Sabemos que algo está em conexão, mas uma conexão sutil. Se dois focos de luz estiverem se tocando, como no caso das formas de nosso exemplo, sentiremos que eles criam uma espécie de sentimento que nos aproxima dos sentimentos das uniões entre membros de família, das amizades, das relações de amor e de sintonia de ideias. Da próxima vez que você observar um caso como esse, tente

fig. 10

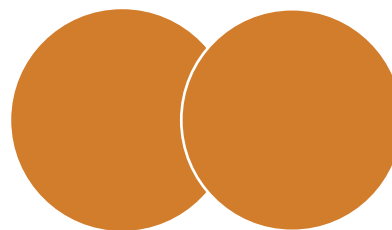


se conscientizar do que está acontecendo com seus próprios sentimentos. Você irá se surpreender com o que pode descobrir.

Quando então criamos elementos que denotem relação de superposição (figura 11) percebemos que a relação fica ainda mais íntima, mas pode chegar também a nos provocar sensações e sentimentos de compartilhamento abusivo, como se houvesse uma concorrência por uma determinada porção do espaço.

Isso vai depender mais uma vez, como em todos os outros casos, das características espaciais, culturais, sociais, etc, nas quais as formas nesse estado estarão contidas. Mesmo assim, se analisarmos isoladamente o caso, percebemos que esse tipo de inter-relação formal nos remete a existência de compartilhamento. Mesmo quando existe concorrência, existe compartilhamento. Pessoas geralmente brigam e disputam uma mesma coisa ou causa. Citando mais uma vez o exemplo dos dois focos de luz, certamente iremos perceber como eles concorrem, compartilham e se encontram totalmente envolvidos numa relação “física” e “sentimental”.

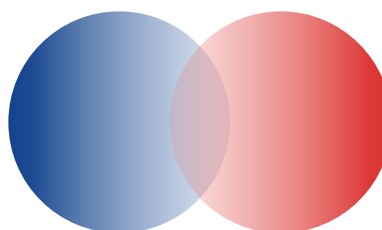
fig. 11



Já numa relação de interpenetração, como no caso do exemplo da figura 12, outras características relacionais entram em jogo. Observamos que a nossa percepção capta uma terceira forma, que é o resultado da interação entre as outras duas. Isso se dá principalmente através de jogos de luzes ou na sobreposição de materiais semitransparentes.

Nesse caso, nossa percepção se envolve com a dinâmica e ao mesmo tempo com os resultados das interações. Somos atraídos pelos resultados formais nas interações, seja das cores resultantes ou das diferenças de brilho e luminosidade.

fig. 12

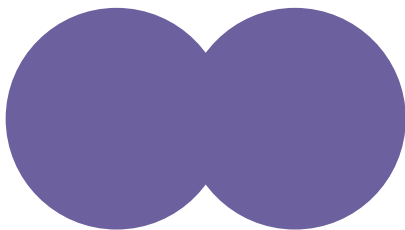


Isso é bastante interessante do ponto de vista sensível, pois essa atração nos faz quase esquecer as bordas opostas dos elementos concorrentes. Talvez seja essa uma forma bastante funcional de conseguirmos a atenção para determinado ponto.

Na união de unidades formais (figura 13), tendemos automaticamente a visualizar uma terceira forma, uma outra unidade por si só. Ao mesmo tempo, nossa percepção busca encontrar as formas “mães” que deram origem a que estamos visualizando como um todo.

Essa nossa tendência em buscar a interação formal é inata do ser humano e está relacionada diretamente ao funcionamento de nosso mecanismo físico cerebral e, portanto, perceptivo. Nesse caso, ao relacionarmos com um efeito luminoso, cria-se outra característica espacial. Se dois objetos estiverem sendo iluminados por dois focos unidos, serão percebidos como fazendo parte de um mesmo universo espacial.

fig. 13



Subtração é a inter-relação formal que denota que uma determinada forma teve uma de suas partes subtraída por outra (figura 14). Essa outra que a recorta, que a devora, está oculta na subjetividade, mas, ainda assim, possui existência perceptual. Com as tecnologias modernas de projeção, hoje é possível criar esses efeitos luminosos com grande facilidade, seja sobre o espaço ou sobre outros elementos. É possível criar, com a luz, efeitos que contenham inter-relação formal de subtração.

Na subtração, somos levados a buscar a parte faltante. Ao realizarmos essa busca, principiemos a sentir certo prazer. Como num jogo de crianças, vamos tentando montar o quebra-cabeças. Buscamos o melhor encaixe, ao mesmo tempo em que pretendemos

fig. 14



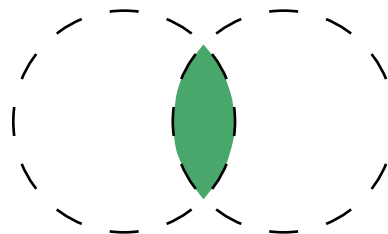
entender e adivinhar a forma faltante no seu todo. Esse exercício de imaginação nos distrai, portanto, essa inter-relação formal pode nos levar a uma abstração e apreciação mais demorada. Indubitavelmente essa é uma boa forma de atrairmos a atenção do observador para determinado local ou elementos.

Quando duas formas subjetivas, ao se sobrepor ou se interpenetrarem, dão origem a uma terceira, chamamos a isso de intersecção (figura 15). As “formas mães” não são visíveis, apenas a sua resultante, que será sempre uma forma menor do que as que a criaram. Podemos apenas imaginar as formas originais através de sua resultante.

Esse tipo de inter-relação, como a subtração, levamos a tentar entender o processo, puxa-nos a atenção, porém, sempre com mais sutileza. É através desse jogo de relações formais que muitas logomarcas são criadas pela propaganda. Poderíamos até mesmo afirmar que uma grande parte de mensagens subliminares é construída através desse tipo de estratégia. Essa inter-relação é muito eficaz ao tentarmos buscar a atenção subconsciente humana.

É possível criar esse efeito com luzes, mas somente quando utilizamos projeções sobre superfícies cromatizadas, respeitando as leis de interação entre os sistemas aditivo e subtrativo das cores.

fig. 15



Por fim, teremos ainda a inter-relação de coincidência (figura 16), que é quando duas formas de mesma dimensão e geometria se sobrepoem totalmente uma sobre a outra. Essa inter-relação é muito usada em efeitos de iluminação sobre os palcos, pois o resultado final é visto como apenas uma geometria, mas que pode carregar, além disso, outras variantes perceptivas, tais como brilho, cores e sombras resultantes.

Ao iluminarmos elementos tridimensionais dessa forma, obtemos jogos e contrastes extremamente interessantes. No caso de luzes emitidas de um ou mais instrumentos filtrados com as mesmas cores, em direções e ângulos diferentes, o resultante de contrastes será percebido através das sombras do elemento.

Em caso de filtragens com cores diferentes, além das sombras, obteremos jogos de terceiros cromatismos extremamente interessantes e ricos.

fig. 16



Artistas e designers têm utilizado inter-relações formais para criar suas obras e determinar como a percepção do observador irá reagir ao apreciá-las. Nos projetos de iluminação, essas relações facilitam a comunicação visual de determinadas “mensagens” como também contribuem para promover a própria relação entre elementos e o espaço, criando mecanismos de direcionamento do olhar, das nossas sensações, sentimentos e, é claro, reações físicas.

As inter-relações formais precisam ser entendidas e utilizadas de um ponto de vista globalizante, holístico. Aí, encontram-se seus sentidos mais completos. Devemos sempre nos lembrar que a arte não admite reduções, e que nossa fonte criativa torna-se muito mais abundante quando abrimos, por sua vez, o nosso espaço perceptivo e consciencial para a totalidade da vida, das relações, sejam elas formais, conceituais, de dinamismo, etc.

Se nos permitirmos analisar as coisas e os fatos de uma maneira reducionista, mecanicista, talvez tenhamos dificuldade para reconhecer os seus papéis dentro do universo onde se encontram. Isso pode funcionar muito bem quando precisamos construir máquinas, mas certamente não funciona quando necessitamos lidar com a vida.

Descartes e Newton comparavam o funcionamento do universo a um grande relógio. Eles apenas se esqueceram de se perguntar quem é que estava por detrás da sua construção e continuava dando corda. ◀



Valmir Perez

é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Múltiplos. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato – valmirperez@gmail.com/www.iar.unicamp.br/lab/luz.

Bibliografia:

WILHELM, R. I Ching O Livro das Mutações. São Paulo: Editora Pensamento, 1982.
CAPRA, F. O Ponto de Mutação. São Paulo, Cultrix, 1982.
WONG, W. Princípios de Forma e Desenho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
MUNARI, B. Design e Comunicação Visual. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
BION, W. R. Cogitações. Imago: 2000.
DONDIS, D. A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
Wikipédia A Enciclopédia Livre - <http://www.wikipedia.org/>

- 1 Carl Gustav Jung (Kesswil, 26 de julho de 1875 — Küssnacht, 6 de junho de 1961) foi um psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, também conhecida como psicologia junguiana. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jung> Wikipédia A Enciclopédia Livre em 18/11/2011. pág. 15.
- 2 Taoísmo ou daoísmo, refere-se a uma tradição filosófica e religiosa que tem influência dos povos do leste da Ásia há mais de 2.500 anos. A palavra □, tao (ou dao, dependendo do esquema de romanização) é frequentemente traduzida como “caminho” ou “o caminho”, mas com inumeráveis nuances na mitologia e filosofia chinesa. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Taoismo> Wikipédia A Enciclopédia Livre em 18/11/2011.
- 3 WILHELM, R. I Ching O Livro das Mutações. São Paulo: Editora Pensamento, 1982.
- 4 Sir Isaac Newton (Woolsthorpe-by-Colsterworth, 4 de janeiro de 1643 — Londres, 31 de março de 1727). Foi um cientista inglês, mais reconhecido como físico e matemático, embora tenha sido também astrônomo, alquimista, filósofo natural e teólogo. http://pt.wikipedia.org/wiki/Isaac_newton Wikipédia A Enciclopédia Livre em 18/11/2011.
- 5 René Descartes (La Haye en Touraine, 31 de março de 1596 — Estocolmo, 11 de fevereiro de 1650[1]) foi um filósofo, físico e matemático francês. Durante a Idade Moderna também era conhecido por seu nome latino Renatus Cartesius. Notabilizou-se sobretudo por seu trabalho revolucionário na filosofia e na ciência mas também obteve reconhecimento matemático por sugerir a fusão da álgebra com geometria - fato que gerou a geometria analítica e o sistema de coordenadas que hoje leva o seu nome. Por fim, ele foi uma das figuras-chave na Revolução Científica. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes Wikipédia A Enciclopédia Livre em 18/11/2011.
- 6 Francis Bacon, também referido como Bacon de Verulamio (Londres, 22 de janeiro de 1561 — Londres, 9 de abril de 1626) foi um político, filósofo e ensaísta inglês, barão de Verulam (ou Verulamio ou ainda Verulâmio), visconde de Saint Alban. É considerado o fundador da ciência moderna. http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Bacon Wikipédia A Enciclopédia Livre em 18/11/2011.
- 7 CAPRA, F. O Ponto de Mutação. São Paulo, Cultrix, 1982. pág. 37
- 8 Amit Goswami, físico, doutorado em física nuclear, nasceu na Índia, filho de um guru hinduísta. Foi pesquisador e professor titular de física teórica da Universidade de Oregon, nos EUA, por 32 anos a partir de 1968.
- 9 Vedanta (devanágari: वेदान्त, Vedānta) é uma tradição espiritual explicada nos Upanishads, que se preocupa principalmente com a autorrealização, através da qual se pode compreender qual a real natureza da realidade (Brahman). O Vedanta - que significa “a meta de todo o conhecimento” - por definição não se restringe ou está confinada a um único livro, e não é a única fonte da filosofia vedântica. O Vedanta se baseia nas leis espirituais imutáveis que são comuns às tradições religiosas e espirituais ao redor do mundo, onde a “meta do conhecimento” se referiria a um estado de autorrealização ou de consciência cósmica. Historicamente, o Vedanta tem sido compreendido como um estado de transcendência, e não como um conceito que pode ser compreendido apenas pelo intelecto. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vedanta> Wikipédia A Enciclopédia Livre em 18/11/2011.
- 10 Holismo (do grego holos que significa inteiro ou todo) é a ideia de que as propriedades de um sistema, quer se trate de seres humanos ou outros organismos, não podem ser explicadas apenas pela soma dos seus componentes. O sistema como um todo determina como se comportam as partes. O princípio geral do holismo pode ser resumido por Aristóteles, na sua Metafísica, quando afirma: O todo é maior do que a simples soma das suas partes. A palavra foi criada por Jan Smuts, primeiro-ministro da África do Sul, no seu livro de 1926, Holism and Evolution, que a definiu assim: “A tendência da Natureza, através de evolução criativa, é a de formar “todas” para maiores do que a soma de suas partes”.